CONGRESSO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO
ISSN 2763-8588

ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS NUMA PERSPECTIVA CRÍTICA

Angela Barbara Rossetto[1]
Almir Paulo dos Santos[2]
Eixo temático: 4. Alfabetização e infância

Resumo:
O presente artigo apresenta como tema relevante a Alfabetização Crítica, uma vez que são escassos os estudos nessa perspectiva. Objetiva compartilhar a pesquisa Alfabetização na infância numa perspectiva crítica, desenvolvida no Pograma de Pós-graduação em Educação da UFFS, campus Erechim-RS. Como metodologia, empregou-se a pesquisa qualitativa e a pesquisa bibliográfica. O aporte teórico constitui-se, essencialmente, em Freire (1998, 2000, 2013, 2017, 2020), Freire; Macedo (2015) na concepção de alfabetização crítica. Além disso, traz as contribuições de Soares (2021) como referência importante no processo de alfabetização e no campo da infância as contribuições de Sarmento (2005, 2021). Como resultados evidenciou-se avanços na cultura escolar. A participação, a inclusão, o respeito a diversidade, a vivência democrática, o protagonismo infantil e juvenil, a autonomia e a criatividade são avanços evidenciados em um trabalho de alfabetização crítica alicerçado em uma proposta educacional humanizadora. Os desafios são de ampliar a fundamentação teórica da alfabetização crítica, dos letramentos, da metodologia no sentido específico da alfabetização crítica.
Palavras-chaves: alfabetização; crianças; criticidade.

[1] Professora da rede pública municipal e estadual do município de Barra Funda - RS, Mestre em educação - UFFS/Erechim, e-mail: angelabarbararossetto@gmail.com
[2] Doutor em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), e professor do Programa de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal da Fronteira Sul (Erechim). E-mail: almir.santos@uffs.edu.br
[3] A Escola Estadual de Educação Básica é a única escola da rede estadual do município de Barra Funda. Está localizada na região Norte do RS. Este educandário possui 70 anos de funcionamento e há mais de 20 anos vem construindo um trabalho educativo que vai na direção da emancipação dos filhos dos trabalhadores do campo e da cidade.

Introdução

O presente artigo objetiva compartilhar a pesquisa Alfabetização na infância numa perspectiva crítica, desenvolvida no Pograma de Pós-graduação em Educação da UFFS, campus Erechim-RS. A pesquisa desenvolvida teve como problemática investigar os desafios e as contribuições da alfabetização crítica a partir da infância e como objetivo geral investigar as contribuições da alfabetização crítica na Escola Zandoná[3].

Essa pesquisa possui relevância social e acadêmica, pois são recentes e praticamente inexistem estudos em que o objeto de investigação são as crianças e a alfabetização crítica. Atualmente, em face dos retrocessos no contexto educacional, dentre os quais, está a negação do direito à educação de qualidade, que necessariamente passa por uma formação de perspectiva humanizadora, desde a infância.

2 Fundamentação teórica

O processo de alfabetização é inquietante e desafiador, especialmente quando pensado a partir de uma proposta educativa que busca trabalhar com a dimensão crítica do conhecimento com crianças. Pensar e propor a alfabetização com ênfase na criticidade requer uma postura como profissional e sujeito histórico que busque a conscientização, a emancipação e a libertação do ser humano com vistas à transformação da sociedade.

A alfabetização crítica é uma concepção de educação que vai além de um método de alfabetização, integra uma concepção de ser humano, sociedade e educação, sendo desenvolvida por Freire (2013, 2017, 2020) a partir da experiência de alfabetização de adultos e é popularmente conhecida como “método Paulo Freire”. Em sua essência é uma precondição para o empoderamento individual e social:

> Em sentido mais específico, a alfabetização crítica é tanto uma narrativa para a ação, quanto um referente para a crítica. Como narrativa para a ação, a alfabetização torna-se sinônimo de uma tentativa de resgatar a história, a experiência e a visão do discurso convencional e das relações dominantes. Ela significa desenvolver as condições teóricas e práticas mediante as quais os seres humanos podem situar-se em suas respectivas histórias e, ao fazê-lo, fazer-se presentes como agentes na luta para expandir as possibilidades da vida e da liberdade humanas (FREIRE; MACEDO, 2015, p.51).

Na pedagogia libertadora, a alfabetização remete ao diálogo problematizador e à emancipação, por isso necessariamente política. A questão da alfabetização não pode

centrar-se no ensinar, na aquisição de habilidades de leitura e de escrita, mas levar em conta outras questões essenciais como: o quê, o porquê, o para que e para quem ensinar? A alfabetização crítica, por possuir um viés político, possibilita, por meio do diálogo, que os sujeitos leiam os textos e o mundo dialeticamente. É pré-condição para o empoderamento individual e social, por isso é uma prática da esperança e da possibilidade:

Assim, corrobora-se a respeito da necessidade de não apenas dominar os processos de leitura e de escrita, mas desenvolver a competência comunicativa por meio da cultura escrita e da linguagem escrita, desvendar e significar o mundo para que possa ser mais bonito e de justiça social. É preciso ler e produzir textos em contextos sociais distintos, articulando os conceitos de alfabetização e letramento, ou como Soares (2021) define em uma nova concepção dentro deste campo, o Alfaletrar[4].

Propor uma alfabetização crítica a partir da infância requer dos adultos educadores nitidez política, sensibilidade e respeito à inteligência das crianças, sujeitos que vivem a infância. A alfabetização crítica constituiu-se a partir de Freire (2020) em contextos de Educação Popular, tendo como um de seus elementos fundamentais a criticidade. Nessa concepção de alfabetização, os sujeitos desvelam o mundo, problematizam, refletem sobre a realidade e o contexto em que estão inseridos a partir da linguagem e, assim, conscientizam-se.

Nesse contexto cabe considerar a infância e os sujeitos que a vivem por meio da abordagem da Sociologia da Infância. Sarmento (2005) propõe a construção da infância como objeto sociológico, indo além das perspectivas biologistas e psicologizantes que tendem a interpretar as crianças como indivíduos que se desenvolvem independente de suas condições de vida. Segundo Sarmento (2021), as culturas infantis se manifestam por meio das linguagens, das brincadeiras, dos rituais, das práticas culturais, entre outras manifestações que precisam ser consideradas nesse contexto.

Verifica-se que, na infância, é primordial desenvolver um trabalho educativo pautado na cultura infantil, a partir da forma como concebem e interagem com o mundo. As crianças são ativas, curiosas, perguntam, investigam e querem descobrir e significar o mundo que as cercam. Como ponto de partida para o desenvolvimento da consciência, é preciso aguçar a curiosidade, não somente do educando, mas do próprio educador.

Em consonância a essas ideias, reitera-se que Freire preconizou uma concepção de alfabetização articulada ao letramento, em que o ler e o escrever não podem estar distantes da realidade na qual estão inseridos os educandos. Para que tenha sentido, faz-se necessário

[4] Soares (2021), na obra *Alfaletrar, diz que toda criança pode aprender a ler e a escrever* define um novo conceito dentro do campo da alfabetização. Alfaletrar é um conceito que envolve dois processos indissociáveis, o alfabetizar e o letrar.

que essas ações partam do contexto e da própria linguagem das crianças. De acordo com o autor,

> nunca pude reduzir, para continuar falando em alfabetização, a riqueza e a importância da sua prática ao puro exercício de repetição ritmada e mecânica dos la-le-li-lo-lu nem a leitura de frases, de palavras, de textos à pura prolação, também mecânica, de vocábulos. Ler é algo mais criador do que simplesmente ou ingenuamente 'passear' sobre as palavras. Leio tanto mais e melhor quanto, inteirando-me da substantividade do que leio, me vou tornando capaz de re-escrever o lido, à minha maneira, e de escrever o por mim ainda não escrito. Não é possível dicotomizar ler de escrever (FREIRE, 2000, p. 89).

Para Freire (2017), a alfabetização é compreendida como uma ação política cuja leitura da palavra implica a leitura da palavra mundo[5]. Desse modo, propõe-se uma alfabetização emancipadora que valoriza a própria história, a realidade e o contexto em que estão inseridos as educandas e os educandos. Defende-se que a apropriação dos códigos e das culturas dominantes não sufoquem a formação da consciência e da subjetividade dos estudantes.

Daí a necessidade de uma educação comprometida com a democracia, que fomente o diálogo e que por meio do conflito contribua para a conscientização e, consequentemente, com a mudança. Assim, o estudo da linguagem constitui-se em instrumento de libertação do ser humano e favorece a construção de uma sociedade mais justa e democrática. Essa compreensão se revela na análise de Freire ao dizer

> aí está uma das tarefas da educação democrática e popular, da pedagogia da esperança - a de possibilitar nas classes populares o desenvolvimento de sua linguagem, jamais o blablablá autoritário e sectário dos "educadores", de sua linguagem, que, emergindo da e voltando-se sobre sua realidade, perfile as conjecturas, os desenhos, as antecipações do mundo novo. Está aqui uma das questões centrais da educação popular - a da linguagem como caminho de invenção da cidadania (FREIRE, 1999, p.41).

Nesse viés, os conceitos de democracia, justiça, liberdade e cidadania parecem distantes do mundo das crianças. No entanto, pode-se trabalhar com esses conceitos de forma lúdica proporcionando a experiência de uma alfabetização que parta de uma linguagem concreta e da cultura infantil. Assim, no espaço escolar, coletivamente podem ser criadas condições para desenvolver o diálogo, a escuta e a participação. Dessa forma, será oportunizado, gradativamente, o desenvolvimento da autonomia e a vivência de situações que contribuam para a construção de uma nova cultura de respeito aos saberes e potencialidades das crianças.

[5] Segundo Freire, a "palavramundo" é o conhecimento que a criança possui sobre a realidade em que vive.

3 Metodologia

A pesquisa desenvolvida insere-se no contexto da pesquisa qualitativa, porque busca descrever os diferentes pontos de vista e os significados que os sujeitos da pesquisa atribuem a alfabetização crítica com maior preocupação no processo da pesquisa do que no resultado propriamente dito. Os desdobramentos desse estudo partem do olhar investigativo no educandário público, Escola Zandoná, que tem como proposta metodológica a Pesquisa Participante e os Temas Geradores.

Para o desencadeamento da investigação, utilizaram-se as seguintes escolhas metodológicas: pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e pesquisa de campo. A pesquisa de campo ocorreu na Escola Zandoná com o grupo de educadoras que compõem a formação continuada semanal dos anos iniciais, sendo a pesquisadora uma delas. Além das educadoras, são participantes da pesquisa as gestoras que se relacionam diretamente e indiretamente com essa prática respectivamente, a diretora da escola e a secretária de educação do município.

Utilizaram-se dois instrumentos de coleta de dados: entrevistas e observação participante. A pesquisa de campo e a análise de dados levam em conta a rigorosidade metodológica e primam pelas questões éticas da pesquisa. Cada participante da pesquisa assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para que os dados extraídos fossem primados pela confidencialidade. Para identificar as produções existentes referentes à temática, construiu-se uma pesquisa do estado do conhecimento. Para análise dos dados, a opção foi pela Análise de Conteúdo (BARDIN, 2016).

4 Resultados e Discussão

A partir da pesquisa de campo evidenciou-se que o grupo pesquisado compreende à alfabetização crítica em seu sentido amplo, entende a alfabetização crítica enquanto a proposta pedagógica da escola. Na ótica das educadoras, de forma geral, a alfabetização enquanto processo educativo vivenciado na Escola acontece de forma diferenciada, pois há a intencionalidade de problematizar a realidade por meio de uma metodologia de ensino pautada na educação humanizadora, ou seja, a opção metodológica de construção do currículo a partir da pesquisa da realidade e dos temas geradores.

Destaca-se neste espaço educativo a compreensão de que o trabalho pedagógico como um todo deve pautar-se na defesa dos oprimidos. Dessa forma, a ação educativa é concebida como a “pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto da reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que

esta pedagogia se fará e refará" (FREIRE, 2013, p. 43).

Outro aspecto essencial ao processo de alfabetização crítica foi elucidado. Esse, diz respeito ao desenvolvimento de dois processos distintos, mas complementares à alfabetização e ao letramento. Uma das educadoras traz uma dúvida em relação a esses processos: "*Eu aqui trago a dúvida de quando eu fiz a minha pós. Eu trouxe duas concepções que era de alfabetização e letramento, eu separava muito isso, parecia que é uma coisa mais rígida, que são duas coisas separadas, uma parece que é mais rígida*" (Educadora 1).

Outra educadora contribui explicando que ambos necessitam acontecer juntos, uma vez que o alfabetizar e o letrar são dois processos distintos que necessitam acontecer concomitantemente. Cabe destacar que essa concepção de alfabetização na perspectiva do letramento, foi uma das bandeiras defendidas pelo Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) que tinha como slogan: *Alfabetizar letrando*. Da mesma forma, Soares (2021) propõe o *Alfaletrar*. Embora tenha sido elucidado por essas duas educadoras, houve um silenciamento das demais educadoras em relação a importância da alfabetização e do letramento.

Ao discutir a metodologia de alfabetização crítica evidenciou-se limitação conceitual sentido específico. Uma outra questão pertinente foi considerada ao dizer que a alfabetização crítica pode acontecer de certa forma, dependendo das escolhas que se faz. Para que aconteça é preciso que as escolhas venham ao encontro da transformação da realidade e não de sua manutenção. Ao referir-se ao método de alfabetização, uma das educadoras diz que independente de partir da palavra ou da letra, o que vai definir uma alfabetização crítica são as escolhas colocadas na metodologia.

Obviamente que, ao se tratar de alfabetização crítica não basta apenas partir da palavra se ela está descontextualizada de um trabalho comprometido com a mudança, que visa à problematização, ao desvelamento e à transformação da realidade. Assim, concebe-se que "é a relação entre a dificuldade e a possibilidade de mudar o mundo que coloca a questão da importância do papel da consciência na história, a questão da decisão, da opção, a questão da ética e da educação e de seus limites" (FREIRE, 2000, p.39). Por isso, não há como negar o poder da palavra em um trabalho de conscientização.

Cabe considerar que a metodologia de alfabetização crítica leva em conta a dimensão semântica da palavra. Palavra é origem de comunicação, palavra é essencialmente diálogo (FREIRE, 2013). Evidentemente que um trabalho coletivo é fundamental quando se busca trabalhar com a alfabetização crítica, mas para que cumpra seu propósito é necessário que esteja articulado ao método de alfabetização proposto por Freire. Por que as crianças haveriam de começar a ler decorando o ABC? De fato, usando a frase como ponto de partida,

começariam com a totalidade da palavra, globalmente, e não com a parte mínima que é o grafema. (FREIRE; MACEDO, 2015)

5 Considerações Finais

Após a análise de dados enunciam-se os apontamentos que abordaram os avanços e os desafios evidenciados a fim de apresentar as contribuições desta pesquisa. Como contribuição, pontua-se a relevância da proposta pedagógica da Escola, que pauta seu trabalho educativo no viés da formação humanizadora, uma vez que o educandário, em estudo, conduz o processo de alfabetização nessa direção. As crianças dos anos iniciais, por meio da vivência cotidiana de um projeto de escola, constituem-se como sujeitos protagonistas da própria história. Na participação, no respeito às diferenças, no diálogo, na escuta, no conflito, na contradição, educandos, educadores(as) forjam uma nova cultura escolar e transformam o mundo.

Essa nova cultura escolar, desencadeada pela concepção de educação articulada aos princípios da educação popular, conduz o processo de alfabetização da Escola. Sendo assim, não somente as crianças, mas também os(as) jovens que são educados neste espaço têm a oportunidade de desenvolver o pensamento autônomo e a criatividade. Isso é fruto de uma concepção educacional que oportuniza a valorização dos diferentes saberes e constrói o conhecimento coletivamente a partir da realidade.

Constitui-se como desafio o aprofundamento teórico da concepção de alfabetização crítica e da metodologia de alfabetização crítica em sentido específico. Nesse sentido, é imprescindível considerar que o texto exerce função preponderante, sendo ponto de partida de um processo de alfabetização que intenciona promover a conscientização e a criticidade.

Ressalta-se que entender a dimensão crítica da palavra como geradora de significados é discernir que a apropriação da cultura escrita pode estar a serviço da dominação ou da libertação das pessoas. A alfabetização constitui-se em instrumento de dominação quando é desenvolvida a partir da língua dominante e é de libertação, quando parte da língua e da cultura do povo. Daí a importância de se avançar também enquanto coletivo na apropriação e no desenvolvimento dos processos de alfabetização crítica e de letramentos, de leitura e produção de textos reais, de práticas sociais de leitura e escrita (SOARES, 2021).

Considera-se que este estudo trouxe contribuições para o campo educacional, uma vez que evidenciou o protagonismo, a autonomia, a criatividade, a participação, a inclusão, o respeito à diversidade, a vivência democrática, a postura ética e política de estudantes,

educadores(as) na Escola Zandoná como avanços desencadeados por um processo educativo que intenciona a promoção da alfabetização crítica, começando nos anos iniciais.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Almedina Brasil, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. **PNAIC – Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa**. Brasília, Ministério da Educação, 2012.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se complementam**. 51ed. São Paulo: Editora Cortez, 2017.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 48ªed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido.6ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação:** cartas pedagógicas e outros escritos. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 55.ed.rev e atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo; MACEDO, Donaldo. **Alfabetização: Leitura do mundo**, **leitura da palavra**. Tradução de: OLIVEIRA, Lólio Lourenço de. 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

ROSSETTO, Angela Barbara. **Alfabetização na infância numa perspectiva crítica**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Fronteira Sul. Erechim. 2022.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Culturas Infantis. In:_____. **Conceitos-chave em Sociologia da Infância. Perspectivas Globais.** Braga, UMinho Editora. 2021, p. 179 -184.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Gerações e Alteridade: interrogações partir da sociologia da infância.** Revista Educação e Sociedade, Campinas, vol. 26, n 91. 361-378, Maio/Ago. 2005. Disponível em: < http://www.cedes.unicamp.br

SOARES, Magda. Alfaletrar: **toda criança pode aprender a ler e escrever.** 1.ed. são Paulo: Contexto, 2021.